



Volta Redonda em preto e branco: nacional desenvolvimentismo, trabalhismo e democracia racial (1953 a 1955)

Leonardo Ângelo da Silva

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGH-UFRRJ) – Bolsista da CAPES

“EUCLIDES tem sempre um ‘cafezinho’ gostoso para oferecer, na copa do sétimo andar e de permanente bom humor” ele nunca deixava de “dirigir uma palavra amável aos seus ‘fregueses’”. Tratava as pessoas tão amavelmente que muitas gostariam de ficar por ali, na área do café, mesmo que isso comprometesse o serviço. Era um rapaz muito aplicado e competente, o café saía “a tempo e à hora”. Estranhamente ele não tinha a competência desta função desde longa data, antes de ser copeiro na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em sua sede no Rio de Janeiro, ele trabalhava na construção civil e “ao pleitear emprego, desejava ir para o quadro de motoristas. Mas foi aproveitado como copeiro e acabou se adaptando bem entre bandejas, bules, cafeteiras e xícaras”.

Problemas no trabalho? Sim, Euclides teve um. O apelido que recebeu foi “Tenório”, “o famoso político da turbulenta cidade vizinha” que era Caxias, terra também de Euclides, mas ao refutar o apelido e se demonstrar chateado com as pessoas o apelido pegou de vez. Embora não gostasse de Tenório, Euclides teve uma pequena experiência com a política pois foi suplente de vereador em Caxias, na legislatura anterior a de 1953 e o jornal colocava que “hoje não quer mais saber de política”. Vivia com sua mãe em uma casinha simples que ele mesmo construiu e “(...) À noite delicia-se ouvindo música norte americana, sendo que possuía uma discoteca completa sobre Al Johnson. E apreciava muito a literatura policial”. Diante de seu trabalho, das brincadeiras e de suas escolhas Euclides seguia trabalhando com afinco **“na sua modesta função”¹**.

A história do negro Euclides é mais uma das muitas que aparecem levantadas pelo periódico da CSN chamado de “O Lingote”, com publicação quinzenal e que possuímos da primeira à última edição (de 1953 a 1977). Euclides é mais um aplicado trabalhador brasileiro que atua na construção do futuro do Brasil e que independente de sua posição humilde no meio de produção se sente orgulhoso e responsável. A positivação do trabalho está expressa na história de Euclides e ele pode ser um exemplo da nova classe trabalhadora brasileira, em que a palavra trabalho sempre estava envolta com o senso de dignidade, esforço e positivação.

¹ O lingote, 25.08.1953. **Grifo nosso.**



O contexto maior era o de industrialização brasileira, o país se industrializava ao mesmo tempo que testemunhava forte processo de migração (do rural para o urbano) e, conseqüentemente, a entrada de vários trabalhadores negros no cenário industrial, contudo, por mais que o governo reconhecesse certas identidades plurais com base na cor, este o fazia atrelando-as a concepções nacionalistas², em contrapartida a estrutura desigual, pautada numa herança das desvantagens ainda forjada no período escravista (como a falta de acesso à educação) era uma constante. Doravante, uma forte estrutura propagandista cercava os trabalhadores de maneira coletiva (GOMES, 1988), estes sentiam, de forma individual, que a mudança de suas trajetórias reforçava um ideal de que o trabalho era o meio pelo qual a população brasileira poderia ter seu “american way of life”, ou seja, mudança de vida com o uso de suas próprias forças.

O citado periódico da CSN consegue nos dar uma dimensão do processo, especificamente a coluna “Conheça seu colega de trabalho” (que existiu de 1953 a 1957) tentava articular trabalhadores de todas as áreas geográficas em que a CSN atuava. Nela encontramos personagens de Volta Redonda (localizada no sul-fluminense do Estado do Rio de Janeiro e local da linha de produção de aço), de Minas Gerais (onde se realizava a exploração do minério), de Santa Catarina (onde se realizava a extração de carvão mineral), do Rio de Janeiro (local da sede do escritório central da empresa), do mar (sobre trabalhadores embarcados em navios da empresa), de São Paulo e até de Nova York.

Este artigo, de caráter ensaístico, se pauta na análise deste periódico (1953 a 1955) e tem por objetivo expor tanto a metodologia de análise das fotos dos trabalhadores presentes como os resultados práticos das análises dos 177 personagens estudados.

“O Lingote” em preto e branco

O subtítulo acima tem relação direta com a proposta do artigo que é o de analisar os trabalhadores negros que aparecem no periódico da empresa. A motivação para tal se deu em decorrência do estranhamento provocado ao constatarmos que as fotos do período de construção e primeiros anos de funcionamento da CSN³ eram compostas majoritariamente por trabalhadores negros. A motivação por mapear estes dois anos de periódico vem ao encontro

² Vide De Oliveira (2008, pp. 102-112).

³ Durante o processo de entrevistas realizado para a construção da dissertação de Mestrado, findo em 2010, recebemos um CD de um entrevistado com várias fotos da CSN. Ao todo eram 937 fotos e que posteriormente descobrimos ser de um projeto do Centro de Documentação da CSN (CDOC-CSN) que acabou vasando para alguns funcionários.



da pergunta: qual seria a apresentação dada pelo periódico da empresa aos trabalhadores negros? Aqui começavam algumas questões metodológicas pontuais.

Até o momento não tivemos como apurar como os trabalhadores apresentados no periódico se autodeclaravam em relação a sua própria cor-raça, contudo, quando os analisamos, tivemos de imputar cor a eles. Fizemos isso com base nas cores utilizadas no Censo de 1950, em que o processo de autodeclaração foi pela primeira vez utilizado (IBGE, 2011)⁴. Nem todas as fotos são fotos nítidas e por vezes na incerteza colocamos na tabela, para a coluna cor, o termo “não identificada”. Basicamente o primeiro critério que olhamos é a cor da pele, posteriormente analisamos pontos mais fenotípicos como o formato do nariz, da boca e do cabelo, por último, analisamos o histórico do personagem retratado na reportagem pois para alguns deles há a citação de país de origem ou outra informação que direcione melhor nossa classificação. Deste processo chegamos a Tabela 1.

Tabela 1: relação de trabalhadores e trabalhadoras por cor

Cor	Total	%	Homens	%	Mulheres	%
Branca	95	54	87	52	8	89
Parda	54	31	53	32	1	11
Preta	16	9	16	10	-	-
Não Identificada	11	6	11	7	-	-
Total	176	100	167	100	9	100
Negro	70	40	69	41	1	11

Fonte: O Lingote, edições de 25/03/1953 a 25/02/1955.

A tabela expressa os funcionários de todos os locais de produção apresentados no periódico, ou seja, não é uma tabela que represente apenas os funcionários de Volta Redonda. Outro ponto que gostaríamos de explicitar é a linha “Negro” que representa o somatório de outras duas linhas: “Preta” e “Parda”.

Embora nas fotos que tivemos acesso a maioria dos trabalhadores fossem trabalhadores pretos, no periódico da empresa estes são minoria, representam (até aqui) apenas 9% dos personagens apresentados e não possuem nenhuma representante do sexo feminino. Aliás, para este último grupo o periódico evidencia forte construção de um lugar social, tal como no caso de Helena Ganime, assistente social, para a qual o periódico reserva o seguinte texto:

⁴ Em 1950 foram adotadas as seguintes cores: preta, branca, parda e amarela. Vale lembrar que a construção das cores para o Censo sempre esteve atrelada à questão racial, tanto que o censo de 1890 usava a categoria “cabocla”. Há um pequeno debate sobre cor e raça na citação anterior na parte de “Notas Técnicas”



“Helena é perito-contadora e já exerceu a profissão durante três anos, inclusive na Contadoria Seccional de Lafaiete. Mas foi no serviço social que encontrou funções condizentes com o seu temperamento de mulher. Ao invés de lidar com cifras e números, frios e impassíveis, passou a tratar com seres humanos, compartilhando de suas dores e alegrias. E isso faz-lhe bem à sensibilidade, porque lhe dá oportunidade de ser útil e ter resultados mais satisfatórios”⁵.

Como evidente, o discurso apresentado pelo periódico colocava determinadas características como femininas e estas acabavam por direcionar as mulheres para determinadas funções. O de Dagmar Basílio é outro exemplo: telefonista que mesmo saindo com muita dor de cabeça do trabalho em decorrência do peso do arco que carregava sobre a cabeça e de não ter vontade de conversar o resto do dia, tinha a “paciência” como virtude para aguentar todas as reclamações⁶. Ou Didima Silva de Attayde, Secretária do Presidente, que com sua “jovialidade e simpatia pessoal irradiante” auxiliava em várias outras atividades demonstrando sua polivalência⁷. A descrição de Didima se assemelhava em muito a de Luiza Izabel Biagionni, Sub chefe da Divisão de Serviços Sociais, pois esta também desdobrava-se “em múltiplas atividades e jamais deixa de atender com solicitude aos reclamos de sua presença”⁸.

Outra questão interessante na análise entre homens e mulheres é a questão da ascensão no trabalho, pois das 9 mulheres apresentadas pelo periódico apenas 2 tiveram progressão em suas carreiras (22%), já para os 177 casos masculinos apresentados 98 tiveram progressão profissional (55%). Contudo, existe uma constante para homens e mulheres e esta era o discurso de valorização do trabalho, o viés trabalhista. Para as mulheres, não ter hora para parar era corriqueiro, pois se trabalhava em mais de uma função⁹. Daí encontrarmos a valorização do esforço através da narrativa de que se “trabalhava até tarde na tradução de documentos”¹⁰, ou caso de sacrifício de almoço e lanche em prol da rentabilidade do trabalho¹¹. O periódico sempre enaltece o valor do trabalho e faz lembrar os anos iniciais de construção e produção da Usina (1941 a 1946) como anos de trabalho duro e esforço, acrescentando sempre a distinção de que os trabalhadores estavam a construir um novo Brasil, moderno e melhor.

Os homens também consideram o trabalho extenuante ao mesmo tempo que o enaltecem, mas aqui vale ressalva, acreditamos que os próprios entrevistados do periódico demonstram que

⁵ O Lingote, 1954.07.25, p.3. **Grifo nosso.**

⁶ O Lingote, 1954.01.25, P. 2.

⁷ O Lingote, 1954.02.25, P.3.

⁸ O Lingote, 1954.03.25, P.2.

⁹ O Lingote, 1954.03.25, p.2

¹⁰ O Lingote, 1953.05.25, p.2.

¹¹ O Lingote, 1953.08.10, p. 2.



as áreas de trabalho mais duro eram as áreas de mineração (Santa Catarina – carvão mineral e Minas Gerais – minério de ferro). Dos 70 negros que analisamos 38 (54%) se encontravam em Minas Gerais ou em Santa Catarina, local em que as funções de “Feitor” e “Capataz”¹² ainda existiam. Ficamos a pensar o quanto dessa herança das desvantagens para a população negra foi absorvida pelo discurso trabalhista, ainda mais quando vemos determinados trechos do periódico em que o trabalhador negro considera seu superior muito rígido ao mesmo tempo que assume trabalhar muito duro¹³, na mesma edição outro trabalhador negro se orgulha do trabalho duro que tem e pede dispensa do restante da entrevista pois não poderia ficar muito tempo inativo¹⁴. São esses trechos que revelam um certo movimento pendular entre trabalho duro, extenuante de um lado e dignificante, valorizado do outro. Revelando uma faceta da modernização (rural x urbano) que em muito perpassa a condição do negro no pós-abolição.

"(...) Quando a Companhia anunciou que precisava de operários, apareceram muitos candidatos, atraídos pelos bons salários, mas poucos, muito poucos, eram os que tinham uma habilitação própria, porque a maioria vinha de lavoura. E se foram aceitos é porque a CSN contava com as aptidões inatas ao homem brasileiro, de adaptação rápida a qualquer tipo de trabalho. Na base de um puro empirismo, êsses ex-agricultores tornaram-se excelentes operários, assenhorearam-se prontamente dos segredos das máquinas e realizaram, em pouco tempo, trabalho igual ao que fariam os mais experientes operários, com longa atividade na indústria"¹⁵.

A parte acima revela bem o caráter positivador do trabalhador brasileiro e a sua transformação. A citação se referia a João Orlandi, pardo e foguista da CSN em Santa Catarina. Este entra na Usina sem muitos saber fabril, mas com muito afinco galga posições e se estabelece. O mesmo caso de Luiz Manoel Saturnino que:

"(...) se apresentou sem nenhum lastro de conhecimento técnico, mas forrado de enorme força de vontade de aprender alguma coisa e ser útil. Sua profissão anterior era a de padeiro na cidade de Laguna. E como não tinha habilitação especial, foi trabalhar como servente de operário. Mas, em pouco tempo demonstrou especial atração pelas máquinas, e o feitor resolveu aproveitá-lo melhor, colocando-o como auxiliar de maquinista de locomotivas e guindastes (...)"

Luiz Manoel não recebeu uma só punição e recebeu o prêmio quinquenal da empresa, dado aos funcionários mais dedicados e sem ocorrências disciplinares.

¹² Lingote, 1954.11.10, p.3.

¹³ Lingote 1954.04.10, p.3.

¹⁴ Idem, p.3.

¹⁵ Lingote, 1953.10.10, p.2.



O trabalho Manual dentro da fábrica era valorizado e acompanhava o discurso trabalhista, inclusive em condições extremas. Aparentemente o periódico atrela ao discurso de posituação do trabalho qualquer tipo de trabalho, extenuante ou não. Nesta condição os trabalhadores negros que aparecem no periódico, mesmo quando conseguem ascensão na carreira (29% do total), são os mais exigidos pois atuam nas piores condições.

"O depoimento mais expressivo que possa haver sôbre a dedicação de Alfredo de Oliveira Fogaça à causa da CSN, no sul, são os seus registros de ponto, na época do início de montagem da Casa de Lavagem, em Capivarí. Quando foi preciso apelar para a capacidade de trabalho e resistência física dos operários".

"(...) Amanhecia no serviço e muitas vêzes emendava a noite com o dia, reservando apenas poucas horas para dormir e alimentar-se, quando não acontecia esquecer-se inteiramente das refeições. E nesse ritmo, absorvido pelas obrigações, Alfredo chegou a trabalhar **500 horas por mês**, ou seja, **a incrível média de mais de dezesseis horas por dia**, numa tarefa de natureza pesada. Para suportar êsse esforço, **o que lhe valeu foi sua excepcional robustez**, aliada à fôrça de vontade e espírito de colaboração com técnicos que tinham a responsabilidade de colocar em funcionamento a Usina de Beneficiamento de Carvão"¹⁶.

Somos levados a acreditar que não o periódico se utilizava de alguns estereótipos raciais dados aos negros, como a potência física. Assim como no caso anterior a questão física será enaltecida no caso de Guindaste, este era o apelido de Expedito Teixeira de Souza, soldador elétrico da CSN em Lafaiete, Minas Gerais. Segundo o periódico, sempre que surgia um trabalho que exigia maior esforço físico lá iam buscar o Guindaste pois à época sua “resistência e força física” o tornavam “a pessoa mais indicada para ajudar em certos serviços, como o da corrida de ferro, por exemplo”¹⁷. Como no caso das mulheres e a descrição de seus atributos condicionantes a determinadas funções o periódico acaba por repetir a mesma construção para os trabalhadores negros.

Conclusão

O Lingote é o periódico da CSN, para tanto divulga e dá lastro as ideias disseminadas pela empresa, bem como do próprio governo e seu ideal desenvolvimentista. Nele fica claro a vinculação dos operários da empresa como componentes de uma grande família, a família siderúrgica. No caso específico deste periódico há clara intenção de integração das várias instâncias produtivas da empresa numa grande construção nacional. Tanto que um dos prêmios dados aos trabalhadores era conhecer a CSN em Volta Redonda¹⁸, local para o qual eram

¹⁶ Lingote, 1954.04.25, p. 3. *Grifo Nosso*.

¹⁷ Lingote, 1954.09.10, p.3.

¹⁸ Lingote, 1955.01.10, p. 2; Lingote, 1955.01.25, p. 3.



direcionados todos os esforços de produção. Este vínculo familiar fica claro logo na primeira edição do periódico quando a chamada de capa era “Cresce a CSN, consolida-se a família siderúrgica”¹⁹.

Regina Morel, uma das primeiras a escrever sobre a CSN e sua estrutura fabril, descreve a família siderúrgica como um “jogo articulado de estratégias” (1989, p. 117) em que se desejava tanto o “mercado permanente de força de trabalho saudável e produtiva” quanto controle e bom comportamento, para tanto a CSN forneceria toda uma estrutura para seus trabalhadores que muitos nunca haviam tido acesso. A questão aqui é pensarmos o quanto esta estrutura impactou os trabalhadores negros, migrantes da época pois além de estarem deixando para trás o trabalho rural se deparavam com uma estrutura que ratificava a ruptura com seu passado e acentuava a mudança, isso fica evidente em vários dos relatos colhidos por Dinamarco (2004) quando esta lida com a primeira geração de trabalhadores da CSN.

O que queremos evidenciar aqui é que a chegada de trabalhadores negros que vieram de áreas como a Zona da Mata de Minas Gerais impactou tanto a construção da CSN, em decorrência da farta mão de obra, como os próprios trabalhadores que chegavam pois estes se sentiam em um nível acima do nível anterior de suas vidas. Acreditamos que isso venha ajudar a explicar a criação de um clube negro na cidade somente na década de 1960, justamente quando o projeto de família siderúrgica se vê em desmonte e a CSN começa a se desfazer de vários de seus aparelhos urbanos (casas, apartamentos, etc) e entregar a administração da “vila operária” à prefeitura.

Ao analisarmos o periódico notamos que 55% dos trabalhadores brancos ascenderam dentro da empresa, 64% dos negros obtiveram o mesmo destino. Se levarmos em conta que o jornal privilegiava histórias de sucesso, parte dos números ganham mais sentido. Doravante é grande o número de operários negros que ascendem por questões não atreladas à formação ou acúmulo de conhecimento, como o senhor Thomaz Antônio da Silva que após vários anos como assistente de pá (retirando areia do Rio Paraíba do Sul) se vê impossibilitado de trabalhar por lesão nas costas e se torna Encarregado do Depósito de Ferramentas, entregando pás e as recolhendo no fim do expediente. Outro ponto é notarmos que em muitas fotos que evidenciam trabalhadores brancos em cargos de mando há vários outros negros a trabalhar. Enfim, o que estamos a evidenciar aqui é hipótese com a qual outros historiadores lidaram (REEVE, 1974;

¹⁹ Lingote, 1953.03.25, p.1.



ANDREW, 1991; ADAMO, 1993) de que o negro entrou no mercado de trabalho durante o processo de industrialização brasileira, mas teve a mobilidade social extremamente limitada.

Referências Bibliográficas:

- ADAMO, Sam. **The broken promise : race, health, and justice in Rio de Janeiro, 1890-1940**. Thesis (Ph. D.)-University of New Mexico, 1983.
- ANDREW, George Raid. **Blacks & Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988**. Univ of Wisconsin Press, 1991.
- DA SILVA, Leonardo Ângelo. "A classe trabalhadora tem cor: democracia racial e desenvolvimentismo em Volta Redonda (1946-1987)". **NORUS**, v.4, n.5, 2016.
- DE OLIVEIRA, J. H. M. **Das macumbas à umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira**. Editora do Conhecimento, 2008.
- DINAMARCO, Patrícia da Silva Muller. **Trabalhadores da CSN: lembranças e relatos da primeira geração**. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.
- DINIUS, Oliver. **Work in Brazil's Steel City: A History of Industrial Relations in Volta Redonda, 1941–1968**. PhD, dissertetion in History, Harvard University, 2004.
- FISCHER, B. M. **Quaese pretos de tao pobres? Race and Social Discrimination in Rio de Janeiro's Twentieth-Century Criminal Courts**. **Latin American Research Review**, University of Texas Press - Austin, v. 39, n. 1, 2004.
- IBGE. **Censo Demográfico 1950**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.
- GOMES, A. M. D. C. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo, SP, Brasil; Rio de Janeiro: LARA, Silvia Hunold. "Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil." **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, n. 16, 1998.



- GOMES, Flávio, and PAIXÃO, Marcelo. "Raça, pós-emancipação, cidadania e modernidade no Brasil: questões e debates." **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 4, 2008.
- MOREL, Regina Lúcia de Moraes. **A Ferro e Fogo – Construção e Crise da “Família Siderúrgica”**: O caso de Volta Redonda (1941 –1988). Tese de Doutorado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas da Universidade de São Paulo, 1989.
- OLIVEIRA, Ângela Pereira. "A atuação de profissionais negros no mercado de trabalho de Pelotas—um estudo a partir das Carteiras profissionais (1933 a 1942)." **AEDOS**, Porto Alegre, v. 7, n. 17, 2015.
- PINTO, Luiz de Aguiar Costa. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- REEVE, Richar Penn. **Race and socio-economic mobility in a Brazilian town**. Washington University, St. Louis, 1974.